

A frequente discriminação sofrida por pessoas LGBT no Brasil é um problema que parece infundável. Somente no ano de 2016, 337 pessoas dessa comunidade foram assassinadas em nosso território. E esse destaque negativo não se restringe ao ano citado, afinal o país carrega o título de nação que mais matou pessoas trans nos últimos 13 anos. Tamanha covardia criminosa é fruto de um preconceito enraizado na sociedade e de um deturpado juízo de moralidade. Dessa forma, fica evidente que há uma situação inaceitável, que precisa ser alterada.

Antes de tudo, torna-se válido destacar que uma das principais causas para esse cenário é o patriarcado, que coloca o homem num patamar inatingível e incontestável, abominando tudo o que seja entendido como feminino. Como resultado disso, temos não só as mulheres cis sofrendo consequências, mas também gays afeminados e mulheres trans. Desde pequenos, somos inseridos e criados em um ambiente machista que, por consequência, também é LGBTfóbico e inviabiliza o direito de existência dessas vidas, alegando crenças, dogmas e virtudes que, muitas vezes, são, de outras formas, deturpadas e descumpridas por esses que se entendem como magistrados, destinados a decidir quem merece respeito e direitos.

Além disso, é importante também ressaltar a dificuldade dos héteros de entenderem que o não reconhecimento de seu privilégio semeia o discurso de ódio que vitimiza essa minoria. Enquanto a comunidade LGBT costuma ser privada de experiências ao longo de sua infância e adolescência, heterossexuais podem tranquilamente exercer atividades como namorar ou demonstrar afeto em público, sem sofrerem represália da sociedade. O medo do desconhecido, primeiramente, leva as pessoas a não construírem empatia com quem não faz parte de seu círculo social e, então, ao preconceito, que, até mesmo em seu modo mais pacífico, instiga coragem em quem é mais propenso a agir com as próprias mãos.

Portanto, por mais que solucionar o problema da invisibilização da comunidade LGBT como cidadã pareça utópico, é preciso dizer que é possível. Para isso, o governo deve criar, e garantir que funcionem, leis para diminuir essa desigualdade. As escolas, por sua vez, devem ensinar às crianças que somos todos seres de uma mesma espécie e que focar em nossas diferenças só serve para nos separar. Ademais, a mídia precisa cumprir seu papel social, lançando mão de especialistas que, juntamente com a sociedade, debatam o tema, visando gerar conhecimento e diminuição do preconceito. Somente dessa forma viveremos em um país digno, que respeita sua comunidade LGBT e garante que os direitos dela sejam assegurados.